

Resenha do livro
“Oboré: Quando a terra fala”



LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022. 101p.

Jefferson Virgílio

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis/SC – Brasil
jefferson.virgilio@ufsc.br

Para citar esta resenha:

VIRGÍLIO, Jefferson. Resenha do livro “Oboré: Quando a terra fala”. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 25, n. 59, p. 473-479, set./dez. 2024.

DOI: 10.5965/1984723825592024473

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723825592024473>

O livro *Oboré* surge a partir da organização de sete transcrições de falas que ocorreram em duas sessões do III Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (IIICMTDV)¹. As sessões permanecem disponíveis gratuitamente online, pois como foram realizadas durante a pandemia de COVID-19, todas elas foram transmitidas pela internet². A proposta principal do livro fica nítida em todos os capítulos e remete para recuperar as falas de intelectuais-artistas-indígenas que atuam no congresso como representantes-atuantes de comunidades, povos, sistemas de pensamento e noções de mundos. Registre-se que o projeto gráfico do livro está impecável, sendo uma pena a baixíssima tiragem disponibilizada³.

A leitura da coletânea permite contatos e aprendizados particulares e privilegiados, ainda que com profundidades epistemológicas tímidas, limitadíssimas durações e com seletivas temáticas. São experiências de vidas, modos de pensar e de construir saberes, além de existências corporais e identitárias que não estão disponíveis em leituras convencionais, quer seja de clássicos da literatura nacional, quer seja de exposições artísticas mais acessíveis ou nas academias, revistas e congressos científicos que se prestam a tratar da dita questão indígena.

A organizadora das transcrições (Lima, 2022, p. 10-11) destaca logo no prólogo que, pelas insistentes e contínuas tentativas de homogeneizações de identidades e culturas dos povos indígenas nacionais como produto para exportação com fisionomias e vivências distantes do mundo real, se faz necessário lembrar que os indígenas não se restringem ao bioma amazônico.

Ainda que haja problemas, como mencionar os Kaingang como residentes do bioma dos pampas (Lima, 2022, p. 68) – sendo a informação corrigida por Joziléia Daniza Kaingang (2022, p. 72) poucas páginas após o erro, ou ainda antes, quando Célia Xakriabá (2022, p. 15-16) e Walderes Priprá (2022, p. 61-62) escancaram que as relações entre povos indígenas e biomas (quicá territórios seria menos pior?) não são relacionalmente unas ou

¹ Informações sobre o congresso em: https://www.tercercongresomundialtransdisciplinariadad.mx/congre_virtual/.

² A sessão de 4 de agosto de 2021 está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=E9lMG6XHq30> e a sessão de 6 de agosto de 2021 está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QTyBdCNcWoY>.

³ Seria especialmente simpática e recomendada a oferta de uma versão digital da obra de maneira ampla e gratuita.

temporalmente fixas –, não devemos questionar a centralidade que a Amazônia (e notadamente a brasileira) recebe nos discursos midiáticos que alcançam países e povos terceiros – e nem podemos ignorar as desonestidades presentes nesses discursos, como explorado e resumido por Kerexu Yxapyry (2022, p. 100-101) ao término do livro. Por isso, podem ser vistos como muito positivos os esforços em trazer indígenas de diferentes biomas – por mais problemático que seja validar tal categoria de catalogação do meio ambiente⁴ –, para que sejamos autorizados e estimulados a ouvir-ler-interiorizar as suas falas.

Outros problemas menores podem surgir com as distrações provocadas pela insistência pseudo-acadêmica na reprodução quase obrigatória de certos termos, como a própria transdisciplinaridade, que dá nome ao congresso, tão bem lembrado e explorado por Daiara Tukano (2022, p. 49,51).

Os aprendizados que surgem quando a terra fala neste livro – diria que quando nos permitirmos ouvir a terra, pois as terras, as águas, os ares e os fogos estão sempre falando, e aqui, os plurais, são importantes – são dignos de serem destacados nesta breve resenha. Em primeiro lugar, algo que é recorrente está na importância dos anciões e das anciãs (Kaingang, 2022, p. 71,73-77,79-80,84; Priprá, 2022, p. 62-63; Tukano, 2022, p. 49,53-55; Werá, 2022, p. 40-41,43-44; Xakriabá, 2022, p. 15-16; Yxapyry, 2022, p. 93-94), sejam eles presentes em corpos humanos ou enquanto manifestações maiores da natureza, como os rios, os solos, as montanhas, as matas, as faunas, o sol, o céu e a lua.

A terra, ou os territórios, são com certeza o maior alvo de preocupações que surgem, quer seja pelas contínuas tentativas de destruições e de roubos, quer seja pelos impedimentos e afastamentos de indígenas usufruírem daqueles espaços que os constituem enquanto povos (Kaingang, 2022, p. 72,77,79-80,84; Priprá, 2022, p. 61-64,66; Tukano, 2022, p. 55; Werá, 2022, p. 42-43; Xakriabá, 2022, p. 15,18,26; Yxapyry, 2022, p. 90-91,95-98). As águas surgem em intensidades próximas, com alguma recorrência maior para as menções às tentativas de ecocídios que são promovidas contra elas continuamente há séculos (Tukano, 2022, p. 55; Werá, 2022, p. 42-43; Xakriabá, 2022, p. 15,24,26; Yxapyry, 2022, p. 93,95,100).

⁴ Sobre os riscos em conceituar ou utilizar o termo bioma, ver Scanavaca (2017, p. 14-16,30-33,43,50-55,61-77).

Os danos ao meio ambiente ainda surgem com frequência com menções direcionadas para as faunas e as floras (Kaingang, 2022, p. 76; Werá, 2022, p. 42; Xakriabá, 2022, p. 19,23-24,26; Yxapyry, 2022, p. 91-92,95,98-100), e ainda para os efeitos desses ataques que o planeta vai nos revelando com os seus adoecimentos e sintomas, com destaque para o aquecimento global e para outras mudanças climáticas (Kaingang, 2022, p. 84; Tukano, 2022, p. 50-51; Werá, 2022, p. 42-43; Xakriabá, 2022, p. 18,22,24-26; Yxapyry, 2022, p. 94).

Danos terceiros, para além daqueles que atingem diretamente o meio ambiente, mas sim os seus guardiões, atingindo especialmente as culturas indígenas e as suas capacidades de reprodução social também são lembrados, como os ataques contra as línguas maternas, aos modos de pensar, viver e existir que dificultam a manutenção de práticas tradicionais tão básicas como as dietas alimentares (Fulni-ô, 2022, p. 31-32; Kaingang, 2022, p. 73,77-78; Tukano, 2022, p. 52; Xakriabá, 2022, p. 15-16,25; Yxapyry, 2022, p. 95-96,99).

Obviamente outras violências que foram e são promovidas pelo Estado nacional contra as populações indígenas, e notadamente contra as suas lideranças, também são lembradas, sejam as contínuas tentativas de genocídios, antes, durante e após a última ditadura; sejam os esforços de conversão à Igreja e à agricultura; sejam as reiteradas omissões observadas e vivenciadas durante a última pandemia reconhecidamente mundial, ou mesmo o longo processo de tentativas de dominações, explorações, assaltos, silenciamentos e extinções (Fulni-ô, 2022, p. 31-34; Kaingang, 2022, p. 82-83; Tukano, 2022, p. 50; Werá, 2022, p. 43; Xakriabá, 2022, p. 17,22,25-26; Yxapyry, 2022, p. 91-92,95-99).

Formas de preconceitos e estereótipos que são promovidos contra indígenas, enquanto sujeitos e notadamente enquanto comunidades, além das fantasias sobre as invasões realizadas desde o século XV contra as Américas, também são recorrentemente mencionadas e via de regra são reveladas em conjunto com as propostas para as suas superações (Fulni-ô, 2022, p. 34; Kaingang, 2022, p. 72-73,82-84; Priprá, 2022, p. 63-66; Tukano, 2022, p. 51-53; Werá, 2022, p. 39,42-44; Xakriabá, 2022, p. 16-19,23; Yxapyry, 2022, p. 89-90,92-101).

Ao longo do volume são sugeridas uma série de nomenclaturas e redesignações como bioralidades, antropolitura, cosmolitura, corlitura, terralitura, litalitura,

reenvolvimento, reensentimentar, reencantar, bioepisteme, bichificar, indigenizar, genipapizar e chamamente (Xakriabá, 2022, p. 20,22,24-25), além da necropolítica que se reconfigura e é rerepresentada como necroeconomia e necrocultura, ou ainda os chamados pra pluricultura (Tukano, 2022, p. 51-52,53), dos conhecidos corpo-território e envolvimento (Kaingang, 2022, p. 77,80), do desmatamente e do reflorestamente (Yxapyry, 2022, p. 89-92,95,101) e o apelo para expressões indígenas, que não precisam de tradução, como ayad machã, vënkagtá, hã li mã ke mü, chinã, ayvu rapytá, apuyr e especialmente o nhandereko (Kaingang, 2022, p. 71,76; Priprá, 2022, p. 61; Tukano, 2022, p. 54; Werá, 2022, p. 40-41,43; Yxapyry, 2022, p. 91,93) que, no mínimo, poderiam nos ajudar com esse esforço alardeado como decolonial (Tukano, 2022, p. 55-56)⁵.

As apropriações e as ressignificações das armas dos brancos surgem com os "amansamentos de escolas", com as "reinvenções de escolas" e com as canetas que se convertem em bordunas (Kaingang, 2022, p. 80-81; Priprá, 2022, p. 62-65; Xakriabá, 2022, p. 20-21,24), e ainda com as produções de materiais audiovisuais e livros didáticos, as absorções de conhecimentos tecnocientíficos, os usos de recursos tecnológicos, as construções de lives e de novas artes (Fulni-ô, 2022, p. 31-33; Kaingang, 2022, p. 78-79; Priprá, 2022, p. 65-66; Yxapyry, 2022, p. 91-93), ou como expõe Tukano (2022, p. 53), usar todas as ferramentas e plataformas possíveis. Mais de uma autoria menciona inclusive suas parcerias nominalmente, identificando-as (Fulni-ô, 2022; p. 31; Kaingang, 2022, p. 76; Priprá, 2022, p. 65)

Xakriabá (2022, p. 21-23) nos lembra, no entanto, que as apropriações dessas armas precisam ser feitas com muito cuidado, pois do contrário se colocam em riscos as próprias continuidades das transmissões de conhecimentos. Célia Xakriabá exemplifica com a construção de uma casa tradicional que é feita, para obrigatoriamente, ser necessária a sua reconstrução passados uns poucos anos – para as crianças aprenderem e para os adultos continuarem lembrando como se faz uma casa –, e também com a carne de caça, que uma vez congelada impedirá novas saídas masculinas para as matas por até um ano – e engolirá

⁵ Sobre a (não) utilização de itálicos seguimos Sandra de Paula (2020, p. 13): “As palavras na língua kaingang não estão marcadas em itálico ou entre aspas no meu texto, pois a língua estrangeira neste país é a língua portuguesa.”

no processo noites e noites de transmissões de conhecimentos que só podem ocorrer ao redor das fogueiras após os retornos das caçadas.

Em complemento, Fulni-ô (2022, p. 34) e Priprá (2022, p. 66) deixam claro que as absorções de saberes, instituições e equipamentos (tidas como) não indígenas não devem ser entendidas como formas de aculturação, mas sim como novos formatos de empoderamento. E Werá (2022, p. 44) registra que independentemente de quão alteradas estejam, ou na verdade de quão diferentes e distantes aparentem estar, essas ferramentas e objetos que parecem vir de outro lugar, no fundo são oriundas e nativas da mesmíssima natureza que os constitui.

Fica ao término da leitura perceptível que quando pensamos ou tentamos pensar sobre descolonização, não se trata apenas de descolonizar nossas mentes, e de maneira individualizada, mas também nossos corpos, e de maneira coletiva, como tão bem exposto pelas partes autoras (Fulni-ô, 2022, p. 33; Kaingang, 2022, p. 75,77,80-85; Priprá, 2022, p. 66; Tukano, 2022, p. 51-53; Werá, 2022, p. 43; Xakriabá, 2022, p. 17,19-20,26; Yxapyry, 2022, p. 89-90,92-95,97-101). Esse processo, inalcançável, é impossível de ser realizado de costas para os saberes, as comunidades, as línguas, os territórios e as lutas indígenas.

Segundo Tukano (2022, p. 49-50) e Werá (2022, p. 39-42), é importante nesse processo, saber-reconhecer-lembrar de onde nós viemos. Do contrário não teremos condições de perceber nem mesmo para onde estamos indo, ou para onde queremos ou devemos ir. Talvez, lembrar que não somos exatamente filhos e filhas dessa dita pátria única e nacional, recente e fictícia, mas de muitas e muitas mães, antigas, sábias e pacientes. Diria que são as nossas ancestrais. Como diz Xakriabá (2022, p. 24), se a pátria é grande, as mães são muitas e gigantes.

Referências

FULNI-Ô, Hugo. O olhar coletivo de um cinema comunidade. In: LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022, p. 28-34.

KAINGANG, Joziléia Daniza. A voz que sopra do sul. In: LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022, p. 68-85.

LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022.

PAULA, Sandra de. **Alimentação tradicional Kaingang**: Plantas que alimentam, ervas que curam (Trabalho de conclusão de curso em licenciatura intercultural indígena do sul da Mata Atlântica). Florianópolis: CFH/UFSC, 2020. Último acesso realizado em 1 de junho de 2024. Disponível online em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/204685>.

PRIPRÁ, Walderes Coctá. Resistir para existir. In: LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022, p. 58-66.

SCANAVACA, Raíza Padilha. **Pela superação da colonialidade do saber**: O conceito de biomas em livros didáticos de ciências (Trabalho de conclusão de curso em ciências biológicas). Florianópolis: CCB/UFSC, 2017. Último acesso realizado em 22 de maio de 2024. Disponível online em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182256>.

TUKANO, Daiara. No coração das fronteiras do humano. In: LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022, p. 46-56.

WERÁ, Kaká. Para onde podemos caminhar? In: LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022, p. 36-44.

XAKRIABÁ, Célia. Só sabe ser humano quem sabe ser natureza. In: LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022, p. 12-27.

YXAPYRY, Kerexu. Reflorestando mentes para a cura do planeta. In: LIMA, Martha Batista de (Org.). **Oboré: Quando a terra fala**. São Paulo: Tumiak produções / Arapoty, 2022, p. 86-101.

Recebido em: 03/06/2024

Aprovado em: 05/09/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 25 - Número 59 - Ano 2024

revistalinhas@gmail.com